

Editorial

Não há dúvida de que, para o melhor ou para o pior, a mobilização popular revela sempre um notável potencial transformador. Tal potencial pode expressar-se como um poder grandioso e magmático que – historia docet – não traz forçosamente caos e destruição, nem mesmo quando abala as instituições até aos alicerces. Mas, seja como for, gera e alimenta crise. Ora, "a crise da democracia – como faz notar o filósofo francês Paul Ricœur – é hoje uma crise dupla na qual se conjuga um movimento ascendente e um movimento descendente de ameaças fecundas e de ameaças de ruína"¹. Em suma, a crise gera e nutre novas energias e ideias, fusão de horizontes, refundação, novos impulsos que se inscrevem todos, todavia, num tempo de incertezas onde aquela fecundidade da crise e aquela possibilidade de ruína e queda habitam paredes meias. Seja como for, a mobilização popular já é uma possibilidade, uma pedra angular da vida democrática. Mais uma vez, Ricœur ressalva que "a democracia é uma ideia em devir e em combate devenir. É uma historia já iniciada e que nós temos a tarefa de continuar. A crise (...) é um momento em uma historia da qual há que descobrir a energia"². Seja como for, certo é que num estado democrático o poder pertence ao povo. E quando a política é corrompida ou é desviada para formas autoritárias, o poder deve a fortiori regressar ao povo – certamente ainda e sempre no registo de uma via longa de mediações várias

¹ Ricœur, P. (1947). La crise de la Démocratie et de la Conscience chrétienne. *Christianisme Social*, 55(4), [300–311] 307.

² *Ibidem*, 300.

capazes de reforçar o ideal de uma vida boa, com outros, em instituições justas.

Aqui parece perfeitamente possível aplicar a ideia simmeliana da dialética entre "forma" e "vida" (Lebensanschauung. Vier metaphysische Kapitel, 1918), segundo a qual todo o dinamismo social é caracterizado por fases de libertação de forças que destroem as antigas instituições e ordens, forças inovadoras e regeneradoras, e fases de forças/movimentos de (re) consolidação e (nova) normalização; depois, novamente, podem experimentar-se novos intervalos, novos "fluxo de lava" e novos processos de normalização. A crise, é evidente, pode levar ao início de processos regressivos e resultar em caos e conflito. De fato, a mobilização popular tanto pode ser organizada de dentro e nutrida por uma consciência de responsabilidade capaz de refletir a vontade coletiva e promover formas de intercâmbio crítico em espaços públicos, como pode ser "cavalgada" emocionalmente, sentimentalmente, ideologicamente e deste modo se orientada ou instrumentalizada por lirismos vários que não visam o interesse e a emancipação do sistema democrático, mas, sic et simpliciter, o poder.

O descontentamento e a mobilização popular tomam lugar quando a distância entre a ação política e a vida real, entre a retórica e a realidade, excede um certo limiar de aceitação ou "resistência" em relação às forças "tensionais" (pró.../anti...) em campo. Parece ser esse mesmo tipo de hiato que determina os fluxos e refluxos do populismo ou dos populismos ao longo do tempo.

O populismo é um verdadeiro tropo (Comaroff, 2011) e, ao mesmo tempo, um conceito vazio ou, pelo menos, vago. Os usos e métodos do termo populismo são hoje os mais variados, ainda que predominantemente negativos. O adjetivo pode referir-se a sentimentos, ideias, atitudes, pessoas, realidades, visões, movimentos, projetos, propostas, tópicos, avaliações, crenças,

atitudes, comportamentos, disposições, etc. O fato de testemunharmos hoje – como muitos estudiosos e observadores atentos do mundo contemporâneo revelam e confirmam – um verdadeiro “regresso do populismo”, uma (re)focalização no fenómeno do populismo, uma nova problematização do populismo é reveladora, de uma forma ou de outra, de um sintoma de crise que atravessa as nossas democracias, ao mesmo tempo que comprova a extraordinária fecúndia, flexibilidade e enraizamento do discurso e do fenómeno populistas.

Mas qual é a matriz do populismo? O que é o populismo? E deveríamos falar de populismo ou de populismos?

Jean Comaroff afirma o seguinte: “In our times, populism is generally less an identity claimed, than attached to one by others. While we might profess to be ‘of the people’ or ‘for the people’, most of us would think twice about dubbing ourselves ‘populist’ as such, for even at its most benign, the word carries associations of crowd-pleasing and cheap emotionalism and, in its stronger senses, of fascist demagoguery”³.

Esta número especial de Critical Hermeneutics – dedicada à questão da definição ou, talvez melhor, da redefinição do populismo – reúne contribuições de várias áreas disciplinares que se propõem enfrentar um tema tão amplo e variado, quanto difícil e complexo. Integral o presente número contribuições de Vinicio Busacchi, Marco Canneddu, Giovanna Leone, Gonçalo Marcelo, Fabrizio Martire, Simonluca Pinna, Christian Ruggiero, Pietro Salis, Alison Scott-Baumann, Lívia Serlupi Crescenzi e Luís António Umbelino.

Em Anotações Annotazioni sul populismo, V. Busacchi ensaia uma caracterização geral dos problemas implicados na definição, usos e “práticas” do populismo, destacando que o estudo deste fenómeno

³ Camaroff, J. (2011). Populism and Late Liberalism: A Special Affinity? *The Annals of the American Academy of Political and Social Science*, 637, [99 – 111] 100.

requer, por um lado, um trabalho interdisciplinar e, por outro, uma diferenciação entre as forma e os tipos de populismo. O trabalho coletivo de Canneddu, Serlupi Crescenzi, Leone, Martire e Ruggiero, intitulado Populismo e comunicazione consiste numa investigação sociológica que parte do problema da definição concetual e histórico-cultural do populismo. Os autores exploram o caso do populismo em Itália e centram a análise na dialética específica entre a forma comunicativa da retórica populista e os novos media. Em Towards a Critical Hermeneutics of Populism, G. Marcelo ensaia uma abordagem ao tema do populismo pela via de uma hermenêutica crítica, consciente dos desafios que se colocam à justificação de uma abordagem "crítica" e da respetiva qualificação hermenêutica. O ensaio de S. Pinna, Issues in the ontological determination of populism – no qual se propõe a aplicação de categorias de ontologia hipotética ao estudo do populismo – constitui uma análise centrada em aspetos-chave do fenómeno do populismo e "mede" em particular a amplitude e a carga "viral" inerentes à mobilização de ideias e sentimentos "anti elites" e "anti-establishment". Com as análises contidas em Commenti sui social: comunicazione digitale, partecipazione politica e social media P. Salis oferece uma contribuição filosófico-analítica para a importante tematização das implicações do discurso populista ao nível dos constructos linguísticos e das formas comunicativas. O ensaio Ricoeur on Plotinus: negation and forms of populism de Scott-Baumann, usa as categorias de 'negação' e 'negatividade' – reinterpretadas segundo uma linha interpretativa original que reatualiza a leitura Ricoeuriana de Plotino – para explorar as características do clima político contemporâneo (a autora centra a sua análise, particularmente, no "caso Brexit"), no qual descortina uma atmosfera confusa e profundamente ligada à dinâmica populista. Por fim, no seu texto To end all good news: opinionators, experts and ideologues, L. A. Umbelino centra a sua

atenção em analisar as formas contemporâneas de ameaça ao pensamento emancipado, crítico e reflexivo. Essas formas são simbolizadas pelas figura-tipo do opinador emotivo, do perito arrogante e do ideólogo de grupo, presentes nos novos dinamismos e formas de comunicação da web e, desse modo, capazes de inibir aquele exercício fundamental – um aspeto que requer exame urgente e cuidadoso.

Os organizadores desejam agradecer aos estudiosos que formaram o comité científico deste número especial: Gonçalo Marcelo, Fabrizio Martire, Letícia Renault, Christian Ruggiero, Pietro Salis.

Luís António Umbelino

Vinicio Busacchi

